

# Cecília Schmidt Branco e Leite de Vasconcelos – uma correspondência truncada<sup>1</sup>

MARIA AMÉLIA RAMOS GOMES\*

## RESUMO

Do relacionamento epistolar entre Cecília Schmidt Branco e Leite de Vasconcelos conhecemos apenas um pólo: a correspondência dela para ele. Mas, por si só, essa correspondência vale pelo que revela da sua autora e pelo que deixa entrever do perfil humano do destinatário, reflectindo ao mesmo tempo os interesses de um pequeno grupo de outros intelectuais consagrados à filologia, à arqueologia e à etnografia. Ela própria escreveu, também, sobre temas etnográficos em várias publicações da época. Grande amiga de L. de Vasconcelos, transformase, igualmente, em arqueóloga amadora, ansiosa por colaborar com o mestre. Numa época em que as mulheres não tinham voz em questões intelectuais, C. S. B. era, pois, a interlocutora ideal, receptiva a essas questões, mas imprimindo-lhes uma tonalidade mais afectiva e menos pesadamente erudita. No entanto, a constante ironia que emerge da sua correspondência revela uma lucidez capaz de pôr em causa muitas convicções pretensamente definitivas.

Palavras-chave: Cecília Schmidt Branco – José Leite de Vasconcelos – Correspondência

---

<sup>1</sup> Nas citações extraídas dos textos do século XIX, optámos por actualizar a grafia, por acharmos pouco cómoda a leitura de uma escrita complexa e pouco uniforme, como a que se praticava antes da reforma de 1911. Por uma questão de coerência, actualizámos também os nomes próprios.

\* Investigadora.

**ABSTRACT**

*About the correspondence between Cecília Schmidt Branco and Leite de Vasconcelos, we only know one side: her letters to him. However, such correspondence is worthy of attention for what it reveals about its author and for what one can glimpse about the human profile of the recipient, reflecting as well the interests of a small group of intellectuals devoted to philology, archaeology and ethnography. She herself wrote about ethnographic themes in several publications of the time. Being a close friend of L. de Vasconcelos, she becomes an amateur archaeologist, anxious to cooperate with the master. At a time in which women had no say in intellectual issues, C. S. B. was, therefore, the ideal interlocutor, being receptive to such issues. However, she imbued them with a more affectionate character. Nevertheless, the constant irony, which comes out of her correspondence, reveals a lucidity capable of questioning many supposedly definitive beliefs.*

*Keywords: Cecília Schmidt Branco – José Leite de Vasconcelos – Correspondence*

## 1. INTRODUÇÃO

É um lugar comum dizer-se que o Homem é um animal social, mas a sua sociabilidade está intrinsecamente ligada ao acto de comunicar, isto é, de partilhar saberes, sentimentos, afectos... E quando o não pode fazer directamente, serve-se de interpostos recursos que, de algum modo, o aproximam do seu semelhante: as cartas, os telefonemas, os *mails*, para nos restringirmos apenas aos meios de comunicação verbal e pessoal.

Mas se, com o tempo, a comunicação epistolar foi dando lugar à conversação telefónica e à mensagem electrónica, as cartas continuam a manter o seu interesse, pelo menos, do ponto de vista histórico. É que o suporte sobre o qual assentam conferiu-lhes a permanência e a acessibilidade suficientes para as tornar o testemunho palpável, e às vezes único, de uma mentalidade, ou apenas das dúvidas e anseios resultantes de uma ausência que se quis atenuar por escrito. Assim, esses pedaços de papel que atravessaram o tempo e chegaram até nós podem dar-nos o retrato de uma vida, nos seus aspectos mais quotidianos, como nas manifestações da sua humanidade mais profunda. É esse retrato de vida partilhada que tentamos vislumbrar na correspondência de Cecília Schmidt Branco para José Leite de Vasconcelos<sup>2</sup>.

Para já, urge esclarecer que o que chegou às nossas mãos foram apenas as cartas desta senhora, que hoje fazem parte do legado de Leite de Vasconcelos existente no Museu Nacional de Arqueologia, não se sabendo se existem ou não

<sup>2</sup> Os nomes acabados de referir poderão ser, daqui em diante, apresentados apenas pelas suas iniciais.

noutro qualquer lugar as que ele lhe escreveu. É, pois, uma correspondência unilateral, desfalcada de uma das vozes do diálogo, apenas audível pelo eco que produz.

Esta arquitectura claudicante do diálogo epistolar, constituído, de um lado, pelas cartas reais dela e, do outro, pelas que imaginamos dele, mesmo impossibilitando-nos de reconstituir todo o acto comunicativo, permite-nos, no entanto, descortinar alguma coisa do que fora dito pelo interlocutor oculto. Assim, ficamos a saber, por exemplo, que Leite de Vasconcelos comunica à sua correspondente o que vai acontecendo no seu quotidiano: a ida para o Cadaval e o estudo do castro de Pragança<sup>3</sup>, a fundação do Museu Etnográfico e de *O Arqueólogo Português*<sup>4</sup>, a nomeação como director do museu ou... uma simples dor de dentes.

Porém, o que torna esta correspondência aliciante é o facto de, através dela, verificarmos que C. S. B., apesar de se encontrar a braços com a doença, não deixa de se interessar pelo que se passa à sua volta, tanto social como culturalmente, nem pela odisseia científica do seu correspondente. Mas a actividade de descoberta por este empreendida e as suas próprias tentativas de com ele colaborar merecem-lhe por vezes alguns comentários bem-humorados, indiciadores de uma saudável distanciação. Deste modo, as suas cartas, para além do interesse humano de que se revestem, reflectem também a imagem da sisuda investigação de Leite de Vasconcelos, condimentada com a imaginação de uma interlocutora inteligente e espirituosa.

## 2. QUEM ERA CECÍLIA S. BRANCO?

Saber qual é a verdadeira identidade desta correspondente de Leite de Vasconcelos e que papel terá desempenhado na sua vida é uma questão que suscita mais perguntas do que respostas, sobretudo se tivermos em conta a unilateralidade da sua correspondência.

Quem é essa mulher que, à distância, partilha a sua vida com o erudito investigador? A avaliar pelo conteúdo das suas cartas, poderia tratar-se de uma amiga de longa data, ou, supostamente, de uma familiar. Mas a suposição de que

<sup>3</sup> Em 1887, Leite de Vasconcelos mudou-se para o Cadaval, onde exerceu a medicina durante algum tempo. O estudo do castro de Pragança, nesse mesmo concelho do Cadaval, verificou-se a partir de 1893.

<sup>4</sup> O Museu Etnográfico Português, criado por Decreto Régio de 20/12/1893, é hoje o Museu Nacional de Arqueologia, depois de ter tido várias outras designações. O doutor Leite de Vasconcelos foi o seu primeiro director, de 1893 a 1929. *O Arqueólogo Português* é o órgão deste museu e começou a publicar-se em 1895.

seria parente não é justificável: é que, apesar de numa sua poesia (*Amor de arqueólogo*, 1888) encontrarmos a referência a uma prima, não é líquido que C. S. B. se quisesse referir a si própria. Por essa época, já o coração do nosso arqueólogo pulsava por sua prima Matilde<sup>5</sup>, embora só mais tarde viesse a ser correspondido. D. Cecília referia-se, pois, a ela, visto que sabia dessa inclinação, como depois se verá num cartão de retribuição de boas festas, escrito em latim, em que pede, para ambos, os bons serviços de Vénus: *Ago tibi gratias in nomine meo et matris meae. Anno novo Cytherea adimpleat dulcia desideria tua dominaeque Matbildis* (Agradeço-te em meu nome e no de minha mãe. Que no novo ano Vénus satisfaça os teus doces desejos e os de D. Matilde). Além disso, em parte nenhuma da sua correspondência, C. S. B. atribui qualquer grau de parentesco a Leite de Vasconcelos, chegando até a referir-se-lhe como “senhor doutor”, ao escrever para a mãe dele. E, aquando do falecimento desta senhora, na sua carta de pêsames, diz mesmo a dada altura ao amigo: “...bem sabe que lhe temos a mesma amizade como se fosse pessoa da nossa própria família”. Está, pois, provado que não era familiar.

Afastada essa hipótese, resta-nos verificar que era, pelo menos, uma boa amiga. Mas como teria nascido essa amizade, aparentemente tão bem consolidada? Não é fácil responder, se pensarmos nos rígidos padrões sociais que, na época, pautavam o relacionamento entre homens e mulheres, no caso de estas serem “de boas famílias”, como parece ser o caso de Cecília S. Branco.

Seja como for, o tratamento que habitualmente ela lhe dá é o de “amigo”, um amigo por quem manifesta uma grande estima, partilhada, de resto, por sua mãe, que parece amá-lo como a um filho; com efeito, chega a referir-se-lhe como “ein guter lieber Junge” (um bom e querido jovem), a quem quer “von ganzem Herzen” (de todo o coração), como transcreve D. Cecília numa carta a Leite de Vasconcelos.

No que toca ao relacionamento entre estes, parece ter-se tratado de um feliz convívio, entre o afectivo e o intelectual, em que não faltaram as pequenas viagens com amigos comuns. Mas chegou o momento de ela partir para a Suíça, em busca de remédio para a doença pulmonar que lhe haveria também de ser fatal. A partir daí, intensifica-se a troca de correspondência, até então esporádica, entre ela e Leite de Vasconcelos, em que, no entanto, é evidente algum desequilíbrio,

<sup>5</sup> Trata-se de Matilde Brandão Leite Pereira Cardoso de Menezes, residente em Covelas (concelho de Baião, distrito do Porto), onde J. L. V. se deslocava frequentemente. Cultivando também a poesia, este investigador dedicou-lhe mesmo o seu livro *Páginas Íntimas* e algumas poesias de *Baladas do Ocidente*. O casamento entre ambos chegou a ser ajustado para Setembro de 1891, mas D. Matilde faleceu pouco tempo antes de ele se realizar.

queixando-se ela insistentemente da parcimónia do seu amigo em escrever.

Nesta troca epistolar, ela é também a porta-voz de sua mãe, que consigo viajara, e que, por vezes, também escreve um ou outro cartão, privilegiando como língua o alemão. Deve dizer-se que Leite de Vasconcelos lia e escrevia também esta língua, que decidira aprender por volta de 1881. “Muniu-se de gramática e de dicionário”, como refere Orlando Ribeiro (1960, p. 68), e ei-lo que parte em demanda de mais esse conhecimento. Mas não se tratou de um estudo totalmente solitário. A sua amiga e correspondente C. S. B. ia testando à distância a sua aplicação e os seus resultados, pois, de quando em vez, ele arriscava escrever-lhe umas linhas na referida língua. Numa dada altura, tenta saber o que se passa com ele – “Was hat mein fleissiger Schüler?” – aludindo expressamente, como se vê, à sua qualidade de estudante aplicado. Noutra ocasião (em 1893), escreve-lhe de Obstalden, acusando a recepção de um seu postal em alemão, que considera “correctíssimo, com a única excepção de alguns atributos e complementos não irem bem no seu lugar, com relação ao verbo”, mas isso – acrescenta – é um erro que qualquer estrangeiro comete e não impediria que ele pudesse ir à Alemanha, fazendo-se entender muito bem. Refere ainda o contentamento de sua mãe, pelas notícias, e pelo alemão do seu “guter lieber Junge”.

Já no fim da vida, e com a vista afectada pela diabetes, Leite de Vasconcelos lamentava já não poder ler essa língua, o que, para ele, era tão fundamental como comer ou dormir; mas dizia também que “gostava mais de saber alemão do que de possuir uma grande quinta” (Guerreiro, p. 135). Discute-se se este investigador conheceria bem ou mal a referida língua; ora, sendo ele próprio a reconhecer que a não sabia assim tão bem, o mais provável é que tivesse dela apenas um conhecimento médio, o suficiente para consultar na origem os autores de referência da época; o comentário linguístico da sua correspondente, acima transcrito, talvez ilumine um pouco a questão, que continua em aberto.

Quanto a C. S. B., além do alemão, presume-se que falava também inglês, conforme podemos verificar por uma sua carta, remetida de Davos-Platz, em 3 de Janeiro de 1893: “O que tem graça é todos se admirarem muito do meu bom alemão. Ao princípio não cabiam em si de espanto, ao verem que na Hespanha<sup>6</sup> se aprendia tão bem a falar esta língua. É verdade que – com desculpável vaidade o digo – os ingleses admiram não menos o meu inglês...”

A sua “vaidade” é, efectivamente, desculpável, se tivermos em conta o que alguns intelectuais, seus contemporâneos, afirmam a seu respeito. O próprio

<sup>6</sup> Sublinhado de Cecília Schmidt Branco.

Oliveira Martins, reagindo a uma crítica sua ao *Portugal Contemporâneo*, publicada no *Jornal do Comércio*, considera-a “uma senhora tão cheia de entusiasmo como de talento” (1986, p. 17, nota 1)<sup>7</sup>. Ressalvando alguma eventual ironia subjacente à palavra “entusiasmo” (atente-se no que pensa este autor sobre as mulheres emancipadas)<sup>8</sup>, fica-nos, no entanto, a sua constatação do talento de C. S. B., confirmado, aliás, por outros autores, nomeadamente Adolfo Coelho, que reconhece os seus “conhecimentos gerais sólidos” e a “inteligência das línguas numerosas”<sup>9</sup>, e Rocha Peixoto, que, ao dar a notícia da sua morte, escreve dela o seguinte: “Muito culta, conhecendo o latim, o grego, as línguas neo-latinas, o inglês, o alemão e o holandês, esta senhora foi devidamente apreciada por muitos homens ilustres.... Por modesto entanto, *o seu nome mal ou nada conhecido foi*<sup>10</sup> para além do restrito círculo de homens que consideravam as suas excepcionais faculdades de inteligência e trabalho. A morte precoce, enfim, anulou tanto esforço acumulado, impedindo que desta senhora ficasse um rastro mais duradouro do valor que a dotava.”<sup>11</sup>.

A morte de Cecília S. Branco ocorrera em Lisboa, em 26 de Dezembro de 1898, tinha ela 44 anos. A sua história, durante esse percurso de vida, conhecemo-la, ainda e sempre, pelos seus testemunhos escritos. Veremos mais adiante que, em 1881, fazia recolha de contos populares e escrevia extensos e bem documentados artigos em jornais, atrevendo-se mesmo a criticar Oliveira Martins. A sua escrita revela já então uma sólida cultura da sua parte, o que fará com que o exigente Adolfo Coelho aluda à sua “leitura larga de obras especiais e de fontes de tradições que até muitos eruditos de profissão nunca abriram”<sup>12</sup>. À data da sua morte, e como também refere Rocha Peixoto, contava ela terminar um trabalho sobre a arquitectura monumental do País, para o qual reunira já numerosos materiais,

<sup>7</sup> A crítica de Cecília Schmidt Branco apareceu no *Jornal do Comércio*, de 23 e 24 de Junho de 1881, e não como consta da referida nota.

<sup>8</sup> Em 11/07/1888, a propósito da autorização governamental para a criação de liceus femininos, vemos ainda Oliveira Martins insurgir-se contra o facto de se “fazer das mulheres homens, decretando contra a natureza a igualdade de aptidões dos sexos”. E acrescenta: “...parece a muitos necessário e indispensável fazê-las doutoras e fazê-las advogadas. A criação de uma burguesia de fêmeas é a coisa mais triste e mais desoladora desta nossa civilização...” (1957, p. 148 e 149). Evidentemente, Oliveira Martins limita-se a acompanhar a sua época, em que mulheres emancipadas e cultas como Cecília S. Branco eram ainda mal aceites.

<sup>9</sup> Adolfo Coelho, “Proémio”, de 28/03/1885, a um texto intitulado “A rosa na vida dos povos”, publicado por C. S. B. em *Folk-Lore Español*. Madrid. Tomo VIII (1886) p. 1-97.

<sup>10</sup> Sublinhado nosso.

<sup>11</sup> Vide revista *Portugália*, 1899-1903, Tomo I, p. 162. O autor da notícia, António Augusto da Rocha Peixoto (1866-1909), foi um conceituado naturalista, arqueólogo e etnógrafo. Co-fundador da revista *Portugália* e da *Revista de Ciências Naturais e Sociais*, foi também secretário e colaborador da *Revista de Portugal* de Eça de Queirós.

<sup>12</sup> Ver nota 9.

e publicar vários outros estudos, entre os quais um sobre o “simbolismo das cores”. A não concretização deste projecto é, naturalmente, o que leva Rocha Peixoto a considerar a sua morte como precoce, numa época em que a mulher, a partir dos trinta anos, era já encarada como tendo atingido o cume da existência e iniciado a descida vertiginosa para a velhice.

Como acaba de ser dito, o autor da notícia afirma que ela era mal conhecida. Para o confirmar, basta-nos atentar no modo como o *Jornal do Comércio* refere a sua morte: no obituário (informação útil, logo abaixo dos horários dos comboios), o seu nome faz apenas parte de uma sequência, de que constam, por ordem de idades, desde os fetos até aos octogenários. A brilhante correspondente de Leite de Vasconcelos não mereceu mais do que o exíguo espaço em que o seu nome podia caber, na vala comum do jornal em que tinha colaborado.

Para concluir, diremos que a vida de C. S. B. se pauta pelo exercício da sua actividade intelectual, nas intermitências da longa doença que lhe exigiu tratamento na Suíça, pelo menos, entre 1892 e 1895.<sup>13</sup> Durante esse lapso de tempo, viajou ainda pela Alemanha, o que nos permite também deduzir que viveria com algum desafogo económico. Porém, tudo o que sabemos chegou até nós filtrado pela luz indirecta daquilo que escreveu, nomeadamente das cartas que endereçou a José Leite de Vasconcelos.

### 3. PRODUÇÃO ESCRITA

#### 3.1. Artigos e estudos

Debrucemo-nos agora sobre os escritos de Cecília S. Branco, que não se limitam à epistolografia, como já se viu. Ela foi, efectivamente, uma articulista informada, a quem não eram estranhas nem a história, nem as questões do ensino. Mas deu especial atenção à etnologia, talvez influenciada por Leite de Vasconcelos ou por Adolfo Coelho, e, numa ou noutra ocasião, aventurou-se também pelos caminhos da poesia, alguma de circunstância e não de primeira água, outra mais elaborada, de que conhecemos dois poemas para José Leite de Vasconcelos.

Esta senhora parece ter sido igualmente uma leitora aplicada, como se pode inferir das referências culturais encontradas nas suas cartas ou das citações que

<sup>13</sup> Na catalogação da correspondência recebida por J. L. V. constante d'O *Arqueólogo Português*, Suplemento n.º 1, Lisboa (1999), existem algumas espécies endereçadas da Suíça supostamente anteriores a 1892. Contudo, não é certo que todas o sejam. A espécie 3003, de 12 de Dezembro, é seguramente do ano de 1893 e, pelo seu conteúdo, deve situar-se entre as espécies 3022, de 16/10/1893, e 3023, de 2/01/1894. Também a espécie 3006 é claramente de 1893, e é muito provável que a 3005 seja de 1894.

faz nos seus artigos e estudos, em que alguns dos autores citados terão sido lidos no original. Encontram-se nos seus apontamentos manuscritos sinais dessas leituras. Assim, do semanário alemão de geografia e etnologia *Ausland*<sup>14</sup> respiga ela algumas notas de artigos de um senhor Gronen sobre os costumes tradicionais portugueses, nomeadamente as festas e trajes populares. Regozija-se a nossa autora com o tom elogioso do referido articulista em relação aos portugueses, quando este regista, por exemplo, o facto de as mulheres do Minho se deslocarem sozinhas carregadas de ouro, e sem qualquer perigo!

Com base nas suas leituras, C. S. B. faz etnologia comparada, ao estudar crenças populares portuguesas equivalentes às que autores alemães também estudaram no próprio país, e ao tratar contos tradicionais, recolhidos directamente da boca dos informantes, mas confrontados com versões eslavas, lidas em *Sagen und Märchen des Südslaven (Lendas e contos eslavos meridionais)*<sup>15</sup>.

A sua investigação empenhada mereceu a atenção de Adolfo Coelho, que lhe publicou, logo no primeiro número da *Revista Lusitana*<sup>16</sup>, uma colecção de contos africanos recolhidos em Lisboa em Agosto de 1881, e que ele guardara desde então.

São cinco contos parcialmente apresentados em verso e em “linguagem dialectal de Benguela”, por cuja pureza C. S. B. não se responsabiliza, por ter ouvido os referidos contos a uma preta há muito residente em Lisboa e provavelmente esquecida da “sua língua natal”. Noutras recolhas, esclarece também o leitor sobre se pôde ou não conservar as expressões linguísticas do informante. Como se vê, não se lhe pode negar honestidade no tratamento dos materiais recolhidos.

A sua obra etnológica mais significativa é, porém, o extenso estudo sobre “A rosa na vida dos povos”, no qual C. S. B. recorre uma vez mais a vários autores latinos, alemães, italianos, etc., como apoio para as suas asserções. Este trabalho, publicado em *Folk-Lore Español*<sup>17</sup>, estende-se por seis capítulos, sendo o tema abordado de vários ângulos: a rosa na mitologia, nos cultos, na vida profana, na medicina e na magia, como símbolo, e no vocabulário e onomástico. No prefácio, Adolfo Coelho afirma ser este “o primeiro estudo folclórico” da autora e, tecendo-lhe os maiores elogios, aproveita para defender a educação

<sup>14</sup> *Ausland*, semanário editado pela casa Cotta de Stuttgart e Munich [sic]. Trata-se de artigos publicados em 1888 e 1889, nos números 18, 21 e 39.

<sup>15</sup> Ver *Revista Lusitana*, Vol. I (1887-1889) e Vol. II (1890-1892).

<sup>16</sup> *Revista Lusitana*, Vol. I, n.º 1, p. 53 segs.

<sup>17</sup> Ver nota 9.

das mulheres em vez de se lhes “medir o crânio”, numa clara alusão às teorias de Paul Broca, então vigentes.

Mas C. S. B. não se limitou à etnologia. Colaborou, igualmente, na *Revista de Educação e Ensino*, com uma série de artigos intitulada “Introdução ao estudo dos monumentos nacionais”, e em vários outros jornais e revistas, com artigos de outra índole. Sirva-nos de exemplo a já referida crítica ao primeiro volume do *Portugal Contemporâneo*, de Oliveira Martins, aparecida no *Jornal do Comércio*<sup>18</sup>, e em que a articulista, começando por elogiar a imparcialidade do autor, deixa em aberto uma excepção, a da sua parcialidade quando defende D. Miguel. Com alguma perspicácia, finge procurar uma justificação para o facto... mas não encontra. Analisando minuciosamente o que Oliveira Martins escreve sobre o rei absoluto, rebate ponto por ponto as suas asserções, servindo-se dos seus próprios conhecimentos históricos e da citação de personalidades estrangeiras que se indignaram contra o rei português.

No mesmo jornal, publica ainda C. S. B., de 21 a 23 de Dezembro de 1881, um extenso folhetim sobre a já então desaparecida quinta de Alcântara, onde se desenrolara parte do drama de D. Afonso VI e da intriga política que envolveu este rei, seu irmão D. Pedro e a rainha Maria Francisca de Sabóia.

Seja-nos permitido referir apenas mais um artigo desta autora, aparecido em *O Economista*<sup>19</sup>, e cuja actualidade, em certos aspectos, não é despicienda, embora os termos da questão se equacionem agora de modo diferente. A propósito da crítica a uma ópera portuguesa, C. S. B. começa por desaprovar o tipo de crítica subjectiva que o articulista defendera, mas parte imediatamente para a questão mais ponderosa do ensino artístico em Portugal, na sua vertente musical. Diz ela que o referido ensino se baseia na obediência a modelos já gastos e que a forma mecânica como é ministrado só inibe a criatividade do educando, afirmando ainda que a cristalização do saber e a estrita obediência às fórmulas estabelecidas “alivia do trabalho da reflexão e do peso da responsabilidade”. E salienta, por fim, a “miséria” económica e administrativa em que se encontra o Conservatório, sem uma orquestra, sem bolsas, com uma biblioteca obsoleta... e não beneficiando, na prática, do verdadeiro estatuto de uma escola superior. Nas suas considerações finais, a autora do artigo alarga os seus comentários às lacunas do ensino que antecede a entrada nos conservatórios e à própria sociedade, que não facilita a implementação das necessárias reformas.

<sup>18</sup> Ver nota 7.

<sup>19</sup> *O Economista* n.º 208, de 28/04/1882.

Ao entremostrarmos o conteúdo de alguns artigos de C. S. B., tivemos em mente suprir o pouco conhecimento que temos da sua vida pessoal com uma melhor noção do que terá sido a sua estatura intelectual. Não fossem as condicionantes que envolviam o universo feminino da época, e esta autora ter-se-ia guindado à altura dos melhores intelectuais seus contemporâneos, incluindo Leite de Vasconcelos.

### 3.2. Poesias

As poesias de Cecília Schmidt Branco não são muitas e são todas de circunstância, constituindo o comentário jocoso ou sentimental a respeito de situações ou pessoas do mundo de Leite de Vasconcelos. Nelas se incluem duas sobre o mesmo tema, sendo uma delas em jeito de rimance em português antigo, e cujo único interesse é o de fazerem referência a um provável “roubo” de materiais ou saberes arqueológicos. Encontramos uma outra, datada de 30 de Junho de 1888 e de cariz mais sentimental, que foi enviada a Leite de Vasconcelos na sequência de uma visita em grupo à região de Leiria, cuja preparação consta de anterior carta da autora. Intitulada “Dando uma folha de hera”, faz parte da correspondência e está efectivamente acompanhada de duas folhas de hera, uma delas trilobada, onde se encontra escrito “Castello de Leiria/ 30-6-88/ Saudade/ José”.

Símbolo da amizade e do feminino, a hera, mantendo-se sempre verde, simboliza igualmente a permanência através do ciclo eterno da morte e do renascimento. Mas que mensagem se esconde por baixo destas folhas de hera acompanhadas de poesia? Um certo “fogo que arde sem se ver”? Cecília S. Branco era discreta. A própria ironia que veremos existir nas suas cartas poderia até ser uma forma de pudor, encobrendo sentimentos que só afloravam em ocasiões mais propícias ao devaneio, como eram os passeios. E para Leite de Vasconcelos, cujo relacionamento com sua prima ainda não se estreitara, também é possível que Cecília S. Branco fosse uma espécie de *ersatz* temporário. Mas ouçamos um pouco do que diz a folha de hera:

*A ti, que tão bem sabes admirar  
O grande, o belo; a ti, que amas a glória;  
A ti revelarei a nobre história  
Que as vetustas muralhas me diziam  
Quando meus verdes elos as cingiam,  
Da qual só elas guardam a memória.  
Escuta, escuta bem:  
Eu te direi também*

*O que da lua à luz tão misteriosa  
 Eu vi, e mais ninguém;  
 Pois saberás que à planta silenciosa  
 Ver e ouvir foi dado  
 O que a humanos sentidos é vedado.  
 Oh, não me lances fora! Com respeito  
 Conchega-me ao teu peito  
 Quando a morte ao repouso te chamar.  
 E em gloriosas visões, em sonhos ledos,  
 Meus antigos segredos  
 Teu nobre coração farão pulsar!*

Vem a propósito referir que, mais tarde, também Matilde, já noiva de Leite de Vasconcelos, lhe enviou pouco antes de morrer uma folha de hera, que ele religiosamente guardou até aos seus últimos dias.

Deixámos para o fim a poesia “Amor de arqueólogo”, envolvendo também a pessoa de J. L. V. e escrita em Lisboa em 14/09/1888. O título é já de si sugestivo. Indicia uma oscilação entre duas tendências só aparentemente inconciliáveis: a entrega aos sentimentos e a dedicação à ciência. Sobre este assunto se debruçaram os biógrafos de L. de Vasconcelos, sobretudo Manuel Viegas Guerreiro e Orlando Ribeiro, que afirma ter ele vivido “para se consagrar à ciência por uma completa oblação da sua pessoa”, sendo as suas obras “fruto de uma predilecção espiritual, a que sacrificara todas as outras alegrias da vida” (Ribeiro, 1960, p. 99).

Cecília S. Branco, contemporânea do mestre e tendo tratado de perto com ele, sente-se mais à vontade para brincar com o assunto – como, aliás, já fizera numa carta de 6/06/1888; na verdade, a poesia em questão é uma reflexão bem-humorada sobre a sua obsessão exclusiva pela arqueologia, em detrimento da vida sentimental. O amor do arqueólogo tinha apenas um objecto:

.....  
*Telhas, cacos, azulejos,  
 Ossos, moedas, inscrições.*  
 .....  
*Pois há donzela que valha  
 - Seja o seu nome qual for -  
 Uma céltica medalha  
 De bem distinto lavor?*

*Há lá sorriso que tente  
E afie a imaginação  
Como o sentido latente  
D' indecifrada inscrição?*

*Viva a nobre Arqueologia!  
Viva a Ciência, ela só!  
Tudo mais não tem valia;  
Todo o resto é lixo e pó.*

.....

Teriam estes reparos a L. de Vasconcelos sido partilhados por outros seus próximos? É bem possível que sim, tendo em conta que a autora se refere, a dada altura, ao caso sentimental do amigo (*Qual prima nem quais ternuras! / Bem diverso é meu prazer*) e ele próprio mais de uma vez reage poeticamente, como que a justificar-se, mas perante outras pessoas. Sirva como exemplo a seguinte poesia, intitulada “Nuns anos”, de que apenas transcreveremos uma parte:

*Não cuides que somente a arqueologia  
Me arrebatava e endoidece,  
E, como um flamen, gasto a noite e o dia  
Em reverente prece*

*Ante as aras e os ídolos sagrados  
Do velho paganismo,  
Que o meu alvião, a golpes reiterados,  
Desenterra do abismo:  
Eu também sei apreciar o encanto  
Da vida que se passa  
Sob o olhar da mulher, sereno e santo,  
Que lhe dá vida e graça.*

.....

Esta poesia, embora também de 1888, só lateralmente será uma resposta à de C. S. B. Vejamos o que o seu autor acrescenta mais adiante:

*Eis porque eu venho lá de longe agora,  
Romeiro e peregrino,  
Saudar com entusiasmo a tua aurora,  
Ofrecer-te o meu hino...*

De longe veio. De Lisboa, onde morava Cecília S. Branco, até ao Douro, onde é feita esta poesia e se encontra aquela a quem a dedica.

Mais tarde... o destino subtraiu-lhe “o cálix da ventura” e J. L. V. passou a sacrificar inteiramente nas aras da Arqueologia.

### 3.3. Correspondência

A correspondência de C. S. B. para Leite de Vasconcelos distribui-se por 42 espécies, entre cartas, postais e cartões, em cujo conteúdo se incluem também cinco poesias e dois desenhos. Dela fazem parte uma primeira série de exemplares escritos entre 1887 (pelo menos)<sup>20</sup> e 31/12/1891 e endereçados de vários pontos do país; a correspondência enviada da Suíça até 21/11/1895 (mais de metade das espécies); e um pequeno conjunto expedido de Lisboa em 1897 – 1898.

A correspondência escrita em Portugal antes da ida para a Suíça é, naturalmente, denotativa de um convívio mais próximo, visível nos projectos de passeios com amigos, nas poesias e desenhos e nas referências a objectos arqueológicos que C. S. B. e sua mãe se esforçam por encontrar para J. L. V.

Há três cartas significativas no que toca à incansável busca de peças para o acervo arqueológico do mestre. Numa delas, presumivelmente de 1887 (ver nota 20), refere-se ela a anterior telegrama comunicando um seu achado arqueológico, que descreve como sendo constituído por “sete pedras de raio” e três vértebras “pré-históricas” de um grande animal; regozija-se ainda por já possuírem “quinze machados”, tendo um deles sido descoberto com ossos humanos e outras “reliquias” mais “curiosas”, o que revela, da parte de ambas, segundo acrescenta ironicamente, “aptidões muito apreciáveis como caçadoras de machados”. Convenhamos que a terminologia usada não soará aos investigadores de hoje como muito científica, como não o eram em geral os métodos de pesquisa de então. Mas, se o rigor científico era escasso, era em todo o caso louvável a sua intenção de preservar os achados, a que corresponde a indignação pelo facto de essas “reliquias curiosas” terem sido destruídas pela “estupidez dos descobridores”, como também refere.

Numa outra carta, endereçada das Caldas da Rainha em 6/06/1888 (fig.1), é a própria autora a reconhecer a sua inexperiência e a de quem a acompanha na “misteriosa ciência da machadologia”<sup>21</sup>, como espiritualmente lhe chama. Movimentando-se entre a realidade e a ficção, compara com a demanda do Graal

<sup>20</sup> A primeira espécie datada que encontramos (3010) é de 1888. Mas a espécie 3002 já faz referência à próxima ida de J. L. V. para o Cadaval, o que aconteceu em 1887. Além disso, em 15/08/1893, C. S. B. lembra a L. de V. que lhe comunicara seis anos antes (em 1887, portanto) o achado arqueológico a que precisamente essa carta se refere.

<sup>21</sup> Sublinhado de C. S. Branco.

Caldas, 6 de Junho, 1888

3010  
412

Caro mestre:

O que são os terrores imaginarios pelos quaes passou com os seus companheiros de viagem, comparados aos perigos reais que nós temos affrontado por amor da nobre Causa á qual jurámos fe' nas suas mãos! Sim, caro mestre venerado, nós, humillimas Discípulas, compensando com o zelo ardentissimo de neophytas a falta de pratica e experiencia, não temos hesitado em perigar corpo e alma no serviço da mysteriosa sciencia da machadologia! Digo corpo e alma, e logo verá se tenho razão em me exprimir assim!

Mas que importa! Os nossos olhos fascinados não vêem senão uma imagem gloriosa, a sua, quando em pé, no meio da estrada, descarapuçado, apostrophava o homem do selvaes. Arrastadas

Fig. 1 – Espécie 3010. Caldas da Rainha, 6/06/1888. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

por esse ponte luminoso, galgamos terrenos  
 barrancos como arrojio fatalistico de  
 berserkurs, curando unicamente de  
 attingir o alvo sublime: a pedra  
de raio!

Se nunca doutrina alguma teve um  
 propheta São Ardente, tambem jamais  
 apostolo algum teve dois discipulos  
 tão cegamente dedicados como nós.  
 Oh! se pudesse ver o fanatismo com  
 que nos precipitamos ao encontro da  
 mais leve miragem de um machado,  
 o arrojio quasi feroz com que, sem  
 lchantes a duas léas, atacamnos inermes  
 passageiros! Formulas de cortezia tais  
 como "Bom dia! Boa tarde! Salvo o Deus!  
 foram riscadas do nosso vocabularis e  
 substituidas por est'outra: "Tem pedra  
de raio?" Velhas, rapazes, mendigos,  
 peiqueiras, brancos e pretos, ricos e  
 pobres, nenhum nos escapa, todos  
 tem de responder à nossa interpellação.  
 Oh! nunca o Santo Graal, nunca  
 o Preste João foram buscados com

Fig. 1a – Espécie 3010. Caldas da Rainha, 6/06/1888. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

tanta insistencia como é por nós buscada  
a Pedra de Raio!

Mas ai de nós! Um destino fatal teima  
em querer provar-nos que nada vale  
o zelo desacompanhada do talento!  
Ainda se os nossos esforços fossem sim-  
plemente estercis! Mas não! Nós somos  
os Tantalos de Machadologia! Fazem-nos  
entrever pedras de raio, coriscos aos centros,  
mostram-nos os perfis, tentadores,  
e quando vamos a estender a mão:  
"Alto lá!"

Imagine os nossos sentimentos quando  
uma velha que encontramos na estrada,  
e a quem, apesar do seu aspecto suspi-  
to de bruxa, nos dirigimos com a  
nossa formula costumada, promette  
levar-nos a um sitio onde colheriamos  
pedras de raio ás abadas! Mas não!  
Não pode ser! Ventura tal não é  
d'este mundo. Só no Ceu é que as  
almas bemaventuradas colhem  
pedras de raio ás mãos cheias.

A velha estava enganada. A velha  
era tonta, apesar dos seus ares

Fig. 1b – Espécie 3010. Caldas da Rainha, 6/06/1888. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

de feiticeira de Endor. Partimos d'alei-  
tristes, d'orelha caída, maldizendo da  
velha e da nossa ruim sorte.

Um, com quem arditosamente metteram-  
nos conversa, com o intuito de o sondear  
a respeito de pedras de raio, mal nós pro-  
nunciámos a fatal palavra, encarou-  
nos cheio de assombro e de indignação,  
denunciando em termos duros a nossa  
impiedade em perguntarmos por uma  
coisa que provém do mal, e, zeloso  
pela salvação de nossas almas, accompa-  
nhou nos durante não sei quanto tempo,  
pregando a superior efficacia da  
oração sobre aquelles amuletos do  
diabo, até que, para nos livrarmos  
da homilia do Santo homem, tivé-  
mos de nos metter por umas brechas  
impeneetraveis, com risco imminente  
de morremos da morte de Absalão.

Se fosse no tempo da inquisição  
quem sabe se, martyres da sciencia,  
não estaríamos por estas horas arden-  
do em algum auto da fe...

Todavia muito maior foi o nosso

Fig. 1c – Espécie 3010. Caldas da Rainha, 6/06/1888. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

perigo quando nos atrevemos a penetrar  
 no antro habitado por um medonho gi-  
 gante preto, lizo, anthropophago, que  
 nos disseram ser possuidor de uma  
 pedra de raio! Oh! então, sim, tre-  
 memos! Julgámos ver deante de nós  
 o proprio diabo, prompto a exigir as  
 nossas almas em troca da desejada  
 pedra, em contrato assignado com o  
 nosso sangue, e tremamos! Logo parem,  
 a vista do thesouro, — porque elle o  
tem — palpaavel, real, negro, geome-  
 tricamente talhado no silex, bello,  
 perfeito, de bellon como por encanto o  
 nosso terror e nós, proferindo á pressa  
 um exorcismo, fizemos a pergunta  
 decisiva. Mas oh! n'esse momento  
 uma Gorgon horrivel elevou do  
 fundo do antro uma voz estridente,  
 vomitando contra nós imprecações  
 cruéis, e nós, não podendo resistir  
 a taes horrores, retirámo-nos quasi  
 desfallecidas. Por enquanto, ainda  
 não recuperámos animo para desafiar

Fig. 1d – Espécie 3010. Caldas da Rainha, 6/06/1888. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

3010  
212

novamente os monstros d'aquelle logas  
fremendo.

Vendo implacaveis os vivos, resolvemos  
ir ao Cemiterio loccar os espiritos  
dos finados; mas, quer os encantamen-  
tos empregados fossem inefficazes,  
quer a hora do meio-dia, que es-  
colhemos, seja menos favoravel  
que a da meia-noite, a verdade é que  
elles não responderam.

Agora diga nos, ó nosso mestre  
venerando! Qual é a varinha que  
chama á luz do sol os thesouros occul-  
tos que ambicionamos? Qual é  
o secreto philtro que abrandea os  
Corações endurecidos? Ensine-nos,  
quienos no bom caminho, e o nosso  
ardor ~~supplico~~ fará o resto.

Em nome de ambas  
De V. ex.<sup>a</sup>

Discipula obedientissima

Cecilia Schmidt Braney

Fig. 1e – Espécie 3010. Caldas da Rainha, 6/06/1888. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

ou a do Preste João a própria demanda a que as “duas leas” se entregam com arrojo, tendo sempre diante dos olhos a “imagem gloriosa” do mestre. Mas, como o sucesso entrevisto lhes escapa no último momento, sentem-se “os Tântalos da machadologia”.

Como já se detecta, todo o texto da carta é percorrido por uma constante ironia, em que prevalece o empolamento da expressão, visível até no modo como o sujeito da enunciação se posiciona em relação ao seu interlocutor – a “discípula obedientíssima” e “humílima” suplicando ao “mestre venerando” e “venerado” que a guie no bom caminho.

Cabe aqui lembrar o à-vontade com que Cecília S. Branco se relaciona epistolamente com Leite de Vasconcelos, quatro anos mais novo que ela, dando-lhe o tratamento de bom ou querido amigo ou, por um processo metonímico facilitador da expressão afectiva, o de “querido Endovélico”, jovial alusão ao deus lusitano que ocupava os pensamentos do seu correspondente.

A amistosa bonomia que transparece desta carta não é, no entanto, apenas um exercício de superficialidade. O que a sua autora faz é ceder à tentação literária, dando-nos da arqueologia um outro registo, mais ferido de sensibilidade do que de ciência (como, aliás, faz noutras cartas), mas fazendo-nos também entrever outros dados: antes de mais, o seu bom domínio da língua portuguesa, que se exterioriza por uma escrita fluente, cheia de frescura e espontaneidade; depois, a variedade das suas referências culturais e o distanciamento com que encara as superstições populares; e, ainda, a capacidade de rir de si própria e a perspicácia com que censura indirectamente a Leite de Vasconcelos a sua entrega obsessiva à arqueologia (fig.2) (à época ainda tocada de amorismo), enquanto relativiza a autoridade que lhe é atribuída.

Falámos do tom jocoso de algumas cartas de C. S. B. Pois bem, por Agosto de 1891, deve ela ter escrito alguma no mesmo tom a J. L. V., dando-lhe conta do achado de uma ara, algures em Trás-os-Montes. Se escreveu, não consta do epistolário conhecido; mas deu-lhe seguramente essa informação e o ilustre investigador parece não ter reagido muito bem ao modo como ela o fez, a avaliar pela resposta escrita de Pedras Salgadas em 16 desse mês (fig. 3), em que D. Cecília, aludindo à “lógica de pé quebrado” do seu correspondente, confirma o achado, mas desta vez com um desenho e uma descrição escrita, referindo também o local onde se encontra o monumento e as lendas que a seu respeito se contam. E, para confirmar o seu empenho, diz mesmo ao amigo que escrevera a uma sua prima, para que esta lhe comunicasse o referido achado o mais cedo possível. Sabemos nós que C. S. B. escreveu também à mãe de J. L. V., em 5 de Agosto, com a mesma intenção. E como três anos mais tarde, já na Suíça, ela ainda lhe lembrará “a tal ara” de Pedras Salgadas, é óbvio que ele não a tomara a sério.



Fig. 2 – Desenho de grupo, 1891, anexo da espécie 24235. Da esquerda para a direita: A. A. da Fonseca Cardoso, Leite de Vasconcelos, Vieira Natividade, Gabriel Pereira e Possidónio da Silva. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

Ou porque o seu pendor para “gracejar” não lhe conferisse grande credibilidade junto do mestre; ou porque este, tendo recebido nos primeiros dias do mês as piores notícias sobre a saúde de sua noiva, se sentisse desmotivado; ou ainda porque o seu “excessivo personalismo” o impedia de aceitar “que outro se cruzasse no seu caminho”, levando-o “a rejeitar a colaboração íntima de estranhos”, como diz o seu biógrafo Orlando Ribeiro, desculpando-o pelas circunstâncias em que então se trabalhava (Ribeiro, 1960, p. 99). E nós acrescentaríamos que o facto de Leite de Vasconcelos não tomar muito a sério a sua correspondente era, até, aceitável, numa época em que a menoridade intelectual da mulher era vista com naturalidade e em que mesmo a burguesa alfabetizada era preparada para casar e não para fazer uso da inteligência, como Cecília S. Branco fazia.

A verdade é que, onde quer que se encontre, D. Cecília, acompanhada de sua mãe, calcorreia montes e vales e interpela quantos pode em busca do passado, estimulada pelo seu amigo e mentor, que muitas vezes também as acompanha. Assim, dirige a sua actividade não só para as “antiquilhas”, mas também para os dialectos, tentando até entrevistar os soldados aquartelados em Mafra.

Mas os seus esforços são vãos e a sua saúde é frágil. Em 1888, já se queixa insistentemente de cansaço, como as suas cartas o comprovam. Por essa razão, já andaria pelos banhos e irá, finalmente, para a Suíça. De lá continua a cartear-se com J. L. V. e, apesar da doença, a mostrar-se interessada por tudo: pela cultura



Fig. 3 – Espécie 3014. Pedras Salgadas, 16/08/1891. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

bastante leuiana para agradecer sobre  
 coisas tão graves como a ara de  
 um Deus incognito, qual talvez tenha  
 sido — e até, como logo verá, existem  
 razões em favor d'esta hypothese —  
 o antecessor transmontano de  
 S.<sup>to</sup> Antonio! De S.<sup>to</sup> Antonio,  
 a quem eu quero tão sinceramente  
 que até lhe entreguei na sua capel-  
 la de Villa Real um vintem, com  
 a esperança, já se sabe, de que elle  
 me pague os juros em bons  
 serviços.

Não senhor, o que eu disse a respeito  
 da ara foi muito a serio; tanto a  
 serio que cheguei a escrever expres-  
 samente a' sua prima D. Maxima,  
 na idea de que a noticia assim chegar  
 se mais depressa ao seu conhecimento,  
 pois que o suppunha lá'.

Os boões toscos que lhe e a descripção  
 bastarão seguramente para que um

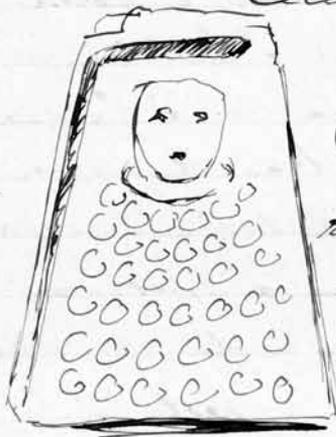
Fig. 3a – Espécie 3014. Pedras Salgadas, 16/08/1891. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

perito tal como o descobridor de Endovellico  
determina se o objecto tem valor archeo-  
logico ou não.

Quanto á natureza transmontana ella  
é na verdade tão digna de admiração  
na parte inanimada como na animada  
com unica excepção talvez dos lobos que  
fediçom honram ainda de vez em quan-  
do este valle com as suas visitas.

Recommendações <sup>muito</sup> da mamma. Recom-  
mendações para a sua.  
Salve!

Cecilia Schmidt Branco



Pedra levemente py-  
ramidal com uns 70-80  
cent de altura e 40-45  
de diametro na base (perfe-  
to quadrangular). — As

Fig. 3b – Espécie 3014. Pedras Salgadas, 16/08/1891. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.



local, pelas pessoas que a rodeiam, pelos amigos que ficaram em Portugal. Tendo permanecido em Weesen am Wallensee, Obstalden e Davos<sup>22</sup>, é desta última estância que expede mais correspondência, por ser aí que passa o Inverno, a conselho médico.

A primeira comunicação de C. S. B. é um postal que, mesmo laconicamente, nos deixa adivinhar o seu drama pessoal, que não a impede de compartilhar desde logo os interesses arqueológicos do seu correspondente. Confessa-se “muito doente, muito maçada”, mas não voltará a fazê-lo: a sua doença, daí em diante, será sempre desdramatizada. Teimando em manter a esperança, deixa também o interlocutor suspenso dela, mesmo quando pormenoriza os resultados dos exames médicos. Assim, de ilusão em ilusão, vai continuando no país estranho, infatigavelmente dando e pedindo notícias.

A sua segunda carta, de 3/01/1893, é mais noticiosa e é porventura a mais interessante de toda a série, pela variedade de informação que veicula: são onze páginas que relatam situações e descrevem ambientes e costumes, não sem alguns comentários valorativos, porque C. S. B. está longe de ser uma observadora indiferente. Justificando a sua falta de notícias, acaba por descrever indirectamente os métodos utilizados no tratamento das doenças pulmonares: os doentes passavam uma parte do dia em passeios a pé e a outra deitados de costas ao ar livre. Em Dezembro. Na Suíça. Num tempo e num lugar em que a água gelava nos canos e a tinta no tinteiro. Como poderia o “amigo Endovélico, que é tão friorento”, suportar estes 15/20 graus negativos? E D. Cecília relata longamente aquele inverno que lhe faz soçobrar o cérebro já fatigado pela doença, porque o frio lhe “gela o pensamento”. Fala também da Babel de línguas em que mergulhou e em que o português igualmente se ouve. Mas se a comunicação é fácil nas línguas comuns, saiba o seu caro Endovélico que dos dialectos alemão e italiano não se percebe nada.

E quanto aos seus compatriotas? Esses, só lhe causam vergonha: é que, enquanto todos os suíços sabem ler e escrever e “falam ao menos duas línguas”, alguns dos portugueses contam-se “entre os mais ignorantes e mais brutos dos habitantes temporários de Davos”. E malcriados, segundo também diz, contando um episódio exemplificativo da grosseria de um deles.

Mais comparações são feitas entre suíços e portugueses, com vantagem para os primeiros, técnica e culturalmente mais evoluídos, como se vê pelos factos

<sup>22</sup> Davos, situada no cantão dos Grisões, a 1500 metros de altitude, é ainda hoje um conhecido centro de turismo e repouso. Divide-se em Davos Dorf e Davos Platz, ambos referidos por C. S. B.

narrados: o de se ter procedido ao estreitamento artificial do rio para evitar as névoas prejudiciais à saúde; e o de se poderem ver sessenta a cem pessoas assistindo a uma série de conferências sobre Shakespeare, mesmo com entradas pagas. E a pergunta repete-se, inevitável: se fosse na nossa terra, seria assim? Continuando a falar sobre os costumes locais, C. S. B. extasia-se perante o espectáculo das placas de gelo colhidas para o Verão seguinte e diverte-se apreciando a patinagem artística e as descidas de tobogã, em que as senhoras também participam, mostrando a perna até ao joelho, o que, “para os olhos portugueses, não é muito decente”.

Repare-se, no entanto, que esta longa carta é escrita logo após o primeiro Natal passado em Davos, um Natal talvez demasiado festivo, com um banquete de dezassete pratos e barulhento como “uma feira de aldeia”; mas, sendo passado longe e entre estranhos, só pode avivar saudades e exacerbar a solidão. Uma carta escrita nestas condições não pode, portanto, ser apenas um relato. Por baixo das palavras estende-se uma revolta larvar que aflora aqui e ali e, finalmente, não se contém mais: “Quase todos os doentes tiveram, pelo Natal, visitas dos seus. Eu não!” – é o que escreve Cecília S. Branco, redigindo os últimos parágrafos com a linguagem do coração, onde cabe também a piedade pelos mais infelizes que ela, que, pelo menos, tem consigo a sua mãe.

Segue-se uma mudança de lugar e uma melhoria de clima e de ânimo. Com a leve esperança de melhorar e voltar ao País, D. Cecília altera a sua linguagem e de novo se entusiasma com a beleza paisagística, e a limpeza e arrumação de Weesen, a povoação onde agora vive. Mas paira a ameaça de este clima não lhe trazer qualquer benefício, o que vem a confirmar-se, abrindo-se a perspectiva de ter de passar mais um Inverno em Davos (fig.4), para continuar o tratamento.

A partir daí, o tom muda completamente. Afluem à sua escrita as recordações dos passeios em Portugal, bem mais felizes que a vida fastidiosa do presente, “sem ocupação para o espírito, sem convivência: Quando me lembra a alegria daquela excursão... e a comparo com o vazio que me cerca agora, até me dá vontade de fugir”. Nas suas cartas passam a abundar expressões como “pobres exiladas”, “degrede entre gelos e neves”, a par de insistentes apelos para que não a deixem só. Acontece que o seu correspondente lhe escreve pouco e raramente, o que a leva a pedir-lhe que não a deixe sem notícias e também que interceda junto de outros, no mesmo sentido: “Fale de mim aos conhecidos para que não me esqueçam de todo”. Numa tal situação, é natural que C. S. B. exulte com uma segunda visita do “bom amigo Epifânio”, pois que – escreve – “uma visita nestas condições é mais que um prazer, é uma consolação, e o senhor Epifânio realiza uma obra de misericórdia – visitar os enfermos, e quase que também os

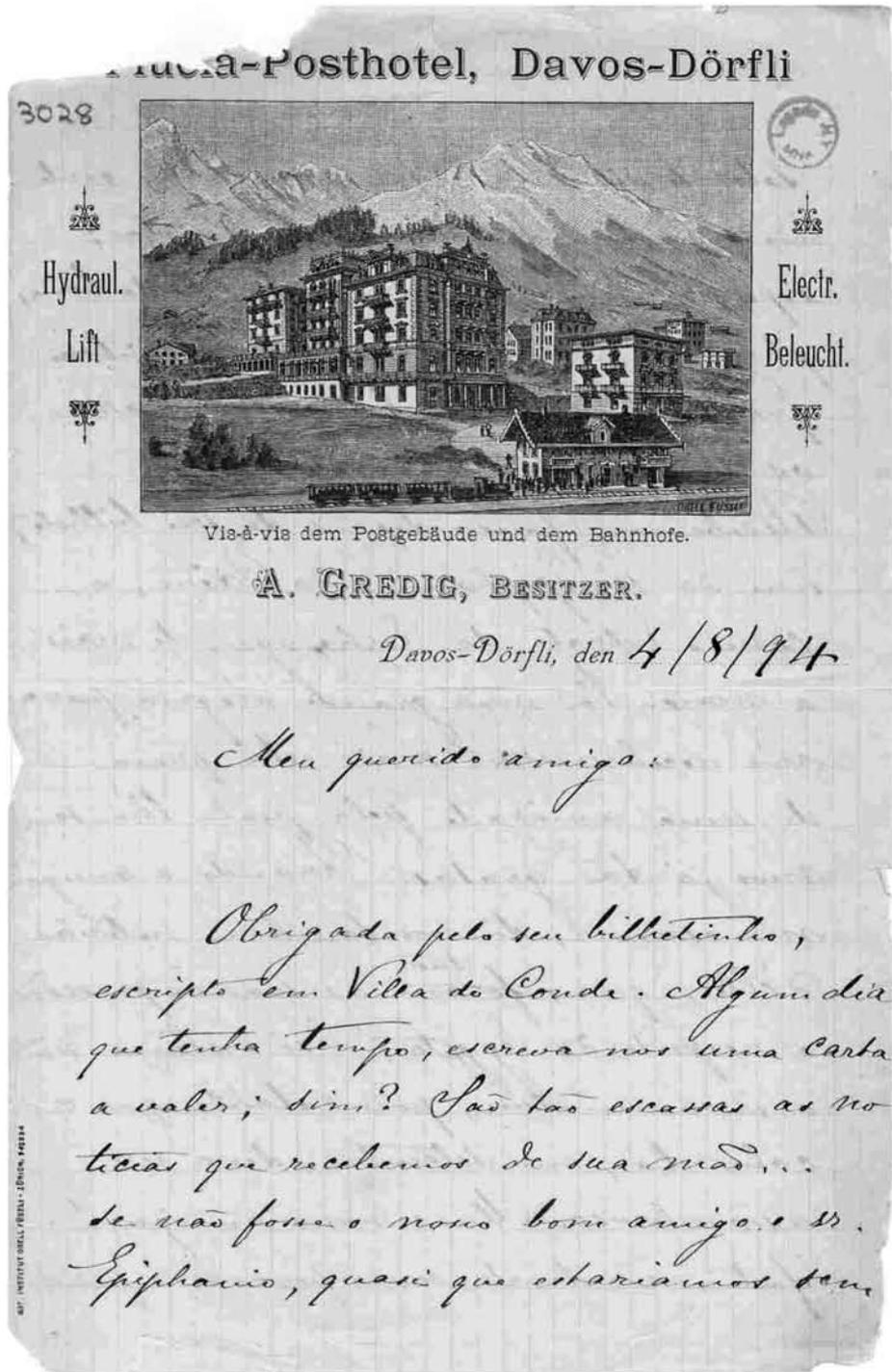


Fig. 4 – Espécie 3028. Davos, 4/08/1894. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

encarcerados, ao menos os exilados”. É, pois, Epifânio da Silva Dias<sup>23</sup> quem, embora por breve tempo, lhe fornece algum lenitivo para o seu mal.

Na Suíça, C. S. B. está, mais do que nunca, atenta ao que a rodeia, e a sua atenção não lhe advém só da curiosidade pelo pitoresco; é antes um interesse de jornalista mesclado de alguma intenção pedagógica: se entrevista famílias locais “jornalisticamente falando”, é porque quer conhecer para comunicar conhecimentos, sabendo que tem do outro lado um interlocutor à altura, o seu correspondente Leite de Vasconcelos. Pedindo-lhe este frequentemente informações sobre amuletos, ela tudo faz para as conseguir, em todo o caso sem grande resultado, pois depara com gente “prosaicamente prática” e nada supersticiosa, ou por ali serem protestantes – explica – ou porque “a educação escolar que todos recebem lhes tem destruído pouco a pouco a superstição”. Deve dizer-se que a Cecília S. Branco causa algum desconforto a iconoclastia dos protestantes, que não só rejeitaram os objectos de culto pagãos, mas cujas igrejas, subtraídas ao culto católico, se tornaram também inóspitas na sua austeridade. A Suíça não é, portanto, “terra para arqueologia artística”, mas “os achados pré-históricos e as habitações palustres” existentes nos museus, se o amigo os fosse ver, certamente os apreciaria. No que respeita a cantos populares, D. Cecília também os não encontra, supostamente, porque as canções cantadas nas escolas têm versos de origem erudita e “música sábia”, cantada “a mais de uma parte”, o que, na sua opinião, “destrói a espontaneidade”.

A ausência de tradições é, pois, compensada por uma evolução social que se traduz na existência de “boas escolas, em edifícios próprios, vastos e bem construídos”, onde se ministra igualmente aos dois sexos um ensino moderno e desportivo, fazendo dos cidadãos suíços aquilo que eles são: “limpos, pontuais, zelosos e empreendedores”.

Subjacente a estas referências a um tal tipo de ensino, parece estar a comparação com o que, nesse capítulo, acontecia então em Portugal. Um Portugal por cumprir, mal refeito da humilhação do Ultimato (estamos em 1894) e desconhecido no resto da Europa, que C. S. B. gostaria de ver mais dignificado, não suportando que até estudantes universitários o ignorem; o único consolo é que gente do campo, lendo livros antigos, ainda o possa imaginar, ao menos, como um país mítico, algures nas Hespérides... E assim, ei-la partilhando o seu desalento com J. L. V., que ela sabe receptivo nesse ponto: “Muitas vezes me lembro de si e imagino a indignação que o amigo sentiria... E dizer que há quatrocentos anos éramos a nação mais gloriosa da Europa!”.

<sup>23</sup> O amigo referido nesta carta, de 23/07/1894, é Augusto Epifânio da Silva Dias (1841-1916), professor e filólogo, e um dos melhores latinistas do seu tempo. Foi autor de numerosas obras didácticas, nomeadamente a conhecida *Sintaxe histórica portuguesa*.

Acabamos de verificar que C. S. B. é pródiga em informações sobre o meio em que se encontra. Mas mantém-se ligada aos amigos que deixou e aos seus projectos e interesses, pedindo notícias, procurando-as nos jornais, preocupando-se... Epifânio da Silva Dias é o correspondente a quem mais vezes se refere. Ele é o amigo-providência, sempre presente, que a visitou em dois verões consecutivos e lhe faz chegar notícias suas e do próprio J. L. V., tão parco em comunicá-las.

Um outro correspondente a quem C. S. B. igualmente se refere nas suas cartas a Leite de Vasconcelos é Adolfo Coelho, por quem muitas vezes pergunta, preocupando-se com eventuais injustiças de que tenha sido vítima e com as consequências na sua saúde. Tendo lido num jornal português que ele fora substituído na direcção da Escola Rodrigues Sampaio<sup>24</sup>, pergunta, em carta de 12 de Dezembro de 1893, se teria havido “caso grave” com Bernardino Machado; na carta seguinte, remetida de Davos em 2/01/1894<sup>25</sup>, rejubila por a notícia se ter revelado infundada, mas, entretanto, lera também que Bernardino Machado deixara de ser ministro. A sua preocupação, desta vez, é que esse facto venha a afectar a recente criação do Museu Etnográfico, do qual Leite de Vasconcelos acabara também de ser nomeado director, como, presumivelmente, lhe comunicara em carta anterior<sup>26</sup>. A par da preocupação que veicula, esta carta de C. S. B. é também de júbilo pelo sucesso do seu amigo, a quem igualmente felicita por um artigo de opinião que dele recebera. Vale a pena citar o seu comentário: “Assim é que eu entendo que uma crítica se torna eficaz: demonstrar ponto por ponto, com clareza, com firmeza, com a brevidade resoluta que só tem quem domina perfeitamente o terreno onde combate. Mas na nossa terra há pouco quem assim saiba proceder. Os nossos críticos ou vão para o lado do insulto pessoal, da grosseria, ou, se são bem criados, perdem-se em divagações mais ou menos nebulosas”.

Em cartas posteriores, Cecília S. Branco continua a interessar-se pelas actividades do seu correspondente: como vão os trabalhos de instalação do museu e se a localização é boa<sup>27</sup>; se ele continua com as suas “excelentes” conferências sobre

<sup>24</sup> Francisco Adolfo Coelho (1847-1919) foi também professor de Filologia Comparada no Curso Superior de Letras. Notável etnógrafo, filólogo e pedagogo, foi ele o introdutor da filologia científica em Portugal. Fez parte da Geração de 70, tendo pronunciado, em 1871, a última das Conferências do Casino, “A questão do ensino”.

<sup>25</sup> Sobre a sequência destas cartas, veja-se o que foi dito na nota 13.

<sup>26</sup> Bernardino Machado, o futuro Presidente da República, era à data Ministro das Obras Públicas e, nessa qualidade, criou o Museu Etnográfico, por proposta de J. L. V. Protegeu igualmente a Academia de Estudos Livres, onde o mesmo Leite de Vasconcelos leccionou cursos de Filologia Portuguesa.

<sup>27</sup> Tendo estado instalado no edifício da Academia das Ciências, o hoje designado Museu Nacional de Arqueologia só em 1903 transitou para Belém, onde ainda se encontra.

língua portuguesa; e, sobretudo, como vai a sua vida no Cadaval, onde J. L. V. estivera como médico em 1887, mas onde agora prevalece a sua vocação de arqueólogo.

Entre Abril e Dezembro de 1893 há cinco cartas em que D. Cecília faz referência ao Cadaval. A partir de Agosto, podemos seguir a evolução das escavações de Leite de Vasconcelos em Pragança, nesse concelho, desde a intenção aos resultados. Sigamos de perto o conteúdo destas últimas cartas.

Em 15 de Agosto, escreve D. Cecília: “Felicito-o pelas descobertas que vai fazer no Cadaval; felicito-o desde já, porque, conhecendo-o como o conheço, tenho a certeza de que desentranhará do seio da terra cadavalense tesouros de incomparável valor... arqueológico”. A seguir, e com a costumada ironia, reivindica informações sobre os futuros achados, tal como ela fizera seis anos atrás, quando lhe telegrafou uma sua descoberta<sup>28</sup>.

Setembro, 17: o nosso arqueólogo diz-lhe que partiu para o Cadaval no princípio do mês, o que é confirmado por carta de 21/10/1893 a Martins Sarmiento, em que comunica ter estado “o mês de Setembro” nessa zona, a explorar o castro de Pragança (Vasconcelos, 1958, p.150, nota 277).

Outubro, 16: Leite de Vasconcelos escavou já o referido castro que, a avaliar pelos objectos encontrados, teria abrigado populações desde o neolítico à época romana. Fá-lo saber à sua correspondente, referindo, pelo menos, o achado de uma ara, com o que ela se congratula: “Parabéns pela sua ara e pelo seu *crasto*. Se o seu tempo disponível não fosse tão escasso, pedir-lhe-ia que me narrasse as condições em que fez estes dois achados. Parece que essa região é uma verdadeira mina de tesouros arqueológicos”.

Mas ela não é especialista e o nosso pesquisador nada lhe diz, pelo que se deduz da sua carta de 12 de Dezembro: “Afinal ainda me está devendo a descrição das suas últimas descobertas, quero dizer, a ara e o *crasto* do Cadaval”. E terminam por aqui as alusões a esta actividade do doutor José Leite de Vasconcelos.

A carta seguinte já é de felicitações por este ter assumido a direcção do “seu museu”, onde hoje podemos encontrar muita da correspondência que lhe foi endereçada, incluindo esta de que nos ocupamos. É de crer que, se não fosse o zelo deste guardador do passado, a brilhante figura da sua correspondente se desvaneceria por completo na poeira do tempo.

---

<sup>28</sup> Ver nota 20.

#### 4. CONCLUSÃO

Na época de Leite de Vasconcelos, a investigação e os estudos científicos, quaisquer que fossem, estavam confinados a um mundo de homens, pois as mulheres não eram preparadas para o saber, mas para serem os “anjos do lar”. Seriam certamente estas as mulheres que maioritariamente rodeavam o investigador, não interferindo no seu trabalho, mas não oferecendo também oportunidade de diálogo. Cecília Schmidt Branco era das poucas excepções. Ela era efectivamente uma mulher bem integrada, e mesmo estimada, num círculo de homens como Adolfo Coelho, Rocha Peixoto, Epifânio da Silva Dias e o próprio Leite de Vasconcelos, todos eles interessados pelos estudos etnológicos ou filológicos e mais ou menos imbuídos de germanismo, como era normal em quem se dedicava à etnologia, e na esteira de um certo romantismo epigonal. Também nisso ela não destoava. E se o intercâmbio de informações científicas se fazia entre homens, sobretudo da mesma especialidade, não seria desagradável a nenhum deles encontrar uma interlocutora por quem sabiam ser entendidos e que, simultaneamente, aligeirava o tom pesadamente técnico da comunicação.

No caso particular da correspondência de C. S. B. para Leite de Vasconcelos, detecta-se essa dicotomia em que se cruzam o interesse pelos problemas culturais e a atenção ao quotidiano, a seriedade do trabalho intelectual e o pôr em causa essa seriedade satisfeita, tudo isso entretecido por uma linguagem acentuadamente afectiva.

Mas, mesmo sem grandes pretensões teóricas e abordando apenas casos particulares, as suas cartas dão-nos, por reflexo, a imagem das preocupações dos intelectuais da sua época, nomeadamente as do próprio Leite de Vasconcelos.

#### BIBLIOGRAFIA

GUERREIRO, M. V. (1960) – Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos – Livro do Centenário*. Lisboa: Imprensa Nacional.

MARTINS, O. (1957) – *O Repórter*. Lisboa: Guimarães Ed. vol. II.

MARTINS, O. (1986) – “Explicações” da 2.ª ed. (1883). In *Portugal Contemporâneo*. 9.ª ed. Lisboa: Guimarães Editores. vol. I.

RIBEIRO, O. (1960) – Vida e obra de Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos – Livro do Centenário*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, J. L. (1958) – *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.

